

MULTIPLICIDADES NA ESCOLA: UMA DESMISTIFICAÇÃO DA PROMISCUIDADE FRENTE AO HIV E OS DIVERSOS MODELOS DE CORPO

José Henrique Monteiro da Fonseca¹
Degmar Francisca dos Anjos²
Thiago Baldrighi³

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa com 12 jovens, etariedade entre 15 a 24 anos (rede pública de ensino). Teve como lócus o Serviço de Atendimento Especializado (SAE) em Cuiabá – MT. Com viés qualitativo, tal pesquisa teve por objetivo analisar os sentidos atribuídos por jovens com diagnóstico positivo para HIV, frente suas vivências no ambiente de ensino, no processo ensino-aprendizagem, nas relações de poder, estigmas e preconceitos. Trabalhou-se enquanto olhar teórico-metodológico com o Construcionismo Social, por meio da análise de repertórios linguísticos, intencionando investigar a produção de sentidos enunciados por práticas discursivas (SPINK, 2012). Frente aos resultados, emergiram relatos concernentes ao impacto do diagnóstico, sentidos de medo, desespero e paralisção de modo temporário, não obstante, destacaram-se também sentidos de aceitação e ressignificação diante da nova realidade como um modo outro de existir. Mas, são gritantes os relatos de sujeitos vítimas de estigmas, preconceitos por causa da orientação homoafetiva e por se viver com HIV/Aids, exprimindo o medo da exposição diante de colegas e professores. Perante tais relatos é possível pensar – entre tantos fatores ligados ao preconceito – sobre o aspecto moral e distorcido entre homossexualidade/HIV, o que aponta ideologicamente para promiscuidade; por isso pretendeu-se desmistificar sócio-historicamente a palavra “promiscuidade” reavendo-a enquanto atributo importante nas relações e enfrentamentos dos corpos sociais, estigmatizados e marginalizados, simplesmente por se encontrarem em condições múltiplas de subjetivação e expressão, socialmente condenados por quebrarem o protocolo e o modelo ideológico de corpo moderno, colonial e burguês.

Palavras-chave: Escola, Corpos, Multiplicidades, Preconceitos, Promiscuidade.

INTRODUÇÃO

Partimos, aqui, de uma reflexão em torno de uma problemática significativa que a escola tem vivenciado: a necessidade da desmistificação em torno da multiplicidade e

¹ Mestre em Ensino de Linguagens e seus códigos, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEn Instituto Federal de Mato Grosso/Universidade de Cuiabá–MT, jhmonteirodafonseca@gmail.com;

² Professor Orientador, Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, degmar.anjos@ifpb.edu.br;

³ Mestrando em Ensino de Linguagens e seus Códigos pelo Programa de Pós-graduação em Ensino – PPGEn Instituto Federal de Mato Grosso / Universidade de Cuiabá, atoscont@me.com;

diversidades de modelos de corpo presentes nela. Assim, pensamos no corpo enquanto construção social e histórica, o que nos implica a abstrair que tal corpo e seu modelo em um contexto e em um tempo histórico, é de algum modo um tipo de forjamento e convenção social e cultural para aquele determinado contexto; é o que podemos chamar de ideal de corpo. Para Foucault (1979), em determinado período da história, os governos visando preservar a força de trabalho e militar de suas populações, passavam a incentivar o cuidado com a saúde coletiva, ou seja, tais políticas eram exercidas como forma de poder, nesse contexto histórico, inclui-se também o modelo estético e aceito de corpo.

O capitalismo, desenvolvendo-se [...] socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos, não se oporá simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal, que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Frente a carga histórica, estética e ideológica que o corpo recebe a partir de pensamentos ainda aprisionados aos traços coloniais e modernos, esse torna-se, além de suporte de potências simbólicas e subjetivas constituídas nas relações sócio-culturais, os corpos sob controle e bem vigiados serão também instrumentos ideologicamente aceitáveis para trabalho e produção burguesa e capitalista. Daí todo esse estranhamento perante as diversidades de corpos que aparecem na contemporaneidade, principalmente em meio à juventude e no ambiente escolar. Tais corpos “promíscuos” são distorcidamente interpretados, uma vez que os olhos que os contemplam, poderão estar utilizando os óculos simbólicos que contenham as lentes dos dois filhos perversos da modernidade, a saber: a colonialidade e o capitalismo. O processo de institucionalização poderá violentar e vitimizar os sujeitos, uma vez que tal processo de assujeitamento acontece através do corpo, pois somos corpo, em variadas dimensões, assim no processo de relações de poder dentro de uma instituição e/ou escola, tal corpo torna-se vítima de uma limitação estética, política, higienista e institucionalizada; trata-se de “Uma técnica que é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. (FOUCAULT, 1999, p. 297)

Em meio a todo esse processo sutilmente imposto, os sujeitos repetem tais verdades através do movimento e da absorção cultural, e o fazem automaticamente, sem dar conta do aprisionamento disfarçado em nome de uma verdade instituída por uma classe dominante, aí se sobressai o discurso burguês do corpo belo, igual, comportado, saudável, higienizado e

normal. Foucault também compreende que as relações de poder postas pelas instituições, a saber: quartéis, prisões, fábricas, escolas, hospitais psiquiátricos entre, outros, são “instituições de seqüestro”, pois todo esse processo é forjado pela disciplina. Nessa idéia construída deturpadamente através dos séculos de que tanto a sociedade quanto os corpos que nela habitam, deverão ter um padrão estético, estar limpos e higienizados, ocorre a legitimação da exclusão e da discriminação diante do diferente e de quaisquer divergências aos planos cruéis de se exercer o poder por meio da imposição do igual e do normal (BUTLER, 1990/2003; LOURO, 2004/2008; LE BRETON, 2011/2016).

Antes de passarmos para as reflexões em torno da palavra promiscuidade, pretendemos pontuar ainda que o corpo em suas mais variadas formas e multiplicidade, incluindo modos distintos de subjetivação – na escola ou fora dela – poderão ter muitos sentidos como, por exemplo: pedido de socorro por parte da juventude, formas estéticas de expressão, ferramentas de transformação social e/ou atos simbólicos e concretos de resistências, uma vez que: “Se o corpo será cenário para o controle, será também o de sua resistência. [...] Resistir é afirmar. Resistir é criar. Resistir é produzir diferenças”. (AVILA e FERLA, 2017, p. 44).

Entre as definições da palavra promiscuidade no Dicionário Aurélio, destacam-se: 1- Qualidade do que é promíscuo; 2- Mistura confusa e desordenada; 3- Reunião confusa de pessoas em que predominam as de baixa classe; 4- Comportamento que viola o que é considerado moral; 5- Relacionamento com vários parceiros sexuais. Sob essas definições, e por um olhar breve entende-se que no sentido popular (Brasileiro), “promiscuidade” seria mais ou menos assim: o ato de manter relação sexual com vários indivíduos independente do sexo, no mesmo ambiente ou não. Antes de aprofundarmos um pouco mais, faz-se necessário refletir que as palavras ou quaisquer neologismos são originados em um tempo histórico, dentro de contextos e perspectivas de mundo de sua própria época. Quer-se dizer, com isso, que nem as palavras, nem as nomeações das coisas, dos atos e de tudo que o ser humano constrói se afugentam totalmente de construções ideológicas. Queremos ainda fazer uma pontuação histórica na palavra em outro dicionário, para isso segue a definição das palavras “*promiscuidade*” e “promíscuo” no Dicionário da língua portuguesa de Antonio de Moraes Silva (1858):

PROMISCUIDÁDE, s.f. O ser, ou estar promíscuo, ou promiscuamente: v.g. a promiscuidade dos casamentos entre as diversas castas, e ordens da republica inteiramente desconhecida na India, entre certas castas, que se abominan. (SILVA, Antonio de Moraes, Dicionário da língua portuguesa, 1858, p. 612).

PROMÍSCUO, A, adj. (do Lat. *Promiscuus*, a, um) Sem distinção: v. g. casamentos promíscuos entre nobre, e plebeus foram desusados entre os primeiros Romanos: “geração promíscua” [...] (SILVA, Antonio de Moraes, Dicionário da língua portuguesa, 1858, p. 612).

A palavra *promiscuus*, que dá origem à palavra que conhecemos como promiscuidade, era usada no sentido de atribuir a mistura relacional entre plebeus e nobres na antiga Roma, e não possui sua origem em um laboratório de ciência e nem em meio à comunidade acadêmica. Portanto trata-se de uma palavra coloquial de época, usada como sentido de se “bisbilhotar” da vida alheia apontando a mistura de classes, ou seja, não apenas no sentido de intimidade sexual, pois também era promíscuo todo aquele que se misturasse socialmente, sendo que havia na época um tipo de “apartheid romano”, entre plebeus e nobres. Para o Dicionário Silva, a promiscuidade também atrela-se à mistura de castas na Índia, ato considerado abominável. Tal palavra foi recebendo novos sentidos com o advento da era cristã, bem mais próximos do que temos hoje na definição do dicionário Aurélio coadunando assim com os ideais e moral burgueses. A partir de uma compreensão histórica que promíscuo é todo aquele que se mistura com outras classes sociais (sem distinção), parece razoável pensar que, para uma pessoa com uma consciência étnica e antropológica, que se volta contra preconceitos e quaisquer atos de discriminação às diferentes formas de existir e de ser sujeito nas quais sem as relações do corpo não seria possível, a palavra “promíscuo” parece um tanto bela, pois misturar-se e atribuir respeito e tolerância em meio às diferenças pode ser considerado um dos atos mais sublimes de um ser humano uma vez que: “Pode ser profundamente democratizante, juntando todas as classes e grupos, mais do que a heterossexualidade consegue. Sua promiscuidade pode ser uma coisa linda. (GOODMAN, 2007, p. 36).

Analisemos brevemente a etimologia do Dicionário Aurélio, a qual reverbera na cultura brasileira e na contemporaneidade:

Qualidade do que é promíscuo: Sócio-historicamente essa definição do Aurélio é muito feliz, pois “qualidade” do que é promíscuo, compreendendo que se misturar e se empoderar diante dos preconceitos e estigmas é de fato uma qualidade (apesar de parecer que não foi com essa intenção que o escritor encaixou a palavra (qualidade)), a qual deveria ser cultura (mas na realidade é o inverso). Se mover em meio às diferenças sem distinção, com autonomia para se “promiscuisar” (se misturar) seja socialmente ou sexualmente, é um direito e um ato individual de todo ser humano.

Esse rígido empenho em controlar as relações sociais via introdução de normas de refinamento dos costumes reconfigurou as relações domésticas, introduzindo interdições e regras em prol de uma rígida moral burguesa. Essa moral se expressou, principalmente, na valorização do individualismo, do abrandamento dos excessos e de uma percepção diferenciada dos movimentos do corpo [...] (SOLIVA, 2007, p. 326).

Dar-se a outrem nas suas inúmeras variações afetivas não deveria estar atrelado à ideia de contaminação com HIV/Aids, pois tais relações “promiscuisadas” (misturadas) podem estar menos vulneráveis ao HIV/Aids que muitas das relações monogâmicas apresentam, pois: “Essa é a utilização tradicional das doenças sexualmente transmissíveis: apresentá-las como castigos impostos [...] Até o final do século passado, interpretar qualquer epidemia catastrófica como sinal de frouxidão moral ou declínio político era tão comum [...]” (SONTAG, 2007, p. 119).

É certo que a palavra promiscuidade preconceituosamente associada à soropositividade não está ainda em meio à coletividade no sentido como aqui trabalhado, após sua desmistificação e ressignificação no presente texto, mas, infelizmente no sentido de direcionar para uma distinção, como se viver com HIV/Aids fosse consequência da imoralidade. É fato que diante dos primeiros casos de HIV/Aids, tal infecção era vinculada a idéia de transgressão e moralidade. Tal sentido foi semeado e cristalizado mídia da época e tomada como verdade pela população. (JODELET, 2001; LABRA, 2001; ANJOS, 2015).

Mistura confusa e desordenada e Reunião confusa de pessoas em que predominam as de baixa classe: percebem-se aqui outros traços ideológicos desde a antiguidade, pois em nome de um ideal de sociedade bem ordenada e não confusa parece mais fácil de governar, ou melhor, oprimir de modo sutil.

[...] As recomendações motivadas por doenças associadas ao pecado e à pobreza sempre incluíam os valores de classe média: hábitos regulares, produtividade e autocontrole emocional [...] A própria saúde terminava sendo identificada com esses valores, religiosos tanto quanto mercantis, pois a saúde era sinal de virtude, assim como a doença era sinal de depravação. (SONTAG, 2007, p. 119).

Tal definição parece tão comportamental, como se o novo e o variável se tornassem crimes e, por outro lado, o mais do mesmo bem ordenado, não misturado, um ideal higienista. Sabe-se, porém que o “promiscuisar”, o misturar naqueles dias, torna-se símbolo de manifestação contra a hegemonia e a luta de classe. Podemos considerar também que na atualidade as variações estéticas de corpo em meio à juventude aparecem no ambiente escolar enquanto modos distintos de subjetivação, de expressão promíscua (misturada) e bela para a

fluidez de novos modos estéticos e poéticos de corpo. Isso inclui os cabelos variados e coloridos, as roupas, os modos alternativos de vestuário, os *piercings* e apetrechos simbólicos atrelados ao corpo, os variados modos de orientações, afetos e gêneros, ou seja, os corpos em vários modelos e condições (físicas, estéticas e étnicas). Eis aí a leveza da mistura (promiscuidade) e a beleza dos corpos diversos. Eis aí uma oportunidade para contemplar tais expressões em um tipo de plataforma corpo-arte para a dissolução de traços cruéis e estagnados da estética colonial e capitalista da modernidade (MIGNOLO, 2017; GUATTARI, 1990).

Assim, sendo, não é possível pretender se opor a ele [ao poder capitalista] [...] Longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro, a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência. [...] Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas [...] (GUATTARI, 1990, p. 33-5)

Comportamento que viola o que é considerado moral e Relacionamento com vários parceiros sexuais: sob um olhar de não distinção e mais humanístico, consegue-se apreender o quanto as questões valorativas, morais e ideológicas que dão origem à palavra promiscuidade, tão utilizada hoje para se referir inclusive à estigmatização de pessoas vivendo com HIV/Aids, tornam-se cruéis e criminosas. Diante de valores éticos da atualidade, da não distinção e do não preconceito, tais conceitos são antagônicos, apontando uma inversão de valores. A definição do Dicionário Aurélio: “Comportamento que viola o que é considerado moral”, mostra o quanto a questão da moral é, por um lado fugaz (dialeticamente mutável e flexível), e por outro perene (solidificada, atravessando gerações), pois a moral da época em que a distinção era “o certo” é criminosa e estigmatizante para a consciência humanista atual.

O que propagava-se como certo e moral, tanto na Roma antiga quanto diante das castas indianas, é no mínimo imoral no sentido de quem contempla por uma ótica de luta contra os preconceitos e a distinção de classe, em que o que é “promíscuo” no sentido original e etimológico deveria ser o ético e o mais moral a ser feito: movimentar-se com respeito e aceitação diante das diferenças humanas, a variedade e modelos de corpos, lutar contra a discriminação e o preconceito para com pessoas vivendo com HIV/Aids, compreender que promiscuidade (mistura) não é, nunca foi e nem deverá entrar na lista de principais fatores de infecção e soropositividade para HIV. Uma vez que a vulnerabilidade diante de uma infecção alcança a todos, independente do modo relacional, modo de se amar, de gênero e/ou orientação sexual (SONTAG, 2007).

Infelizmente, os traços cristalizantes da discriminação viajaram épocas, desde a antiguidade, por meio da linguagem nos seus mais variados sentidos, sejam oficializados em um dicionário ou na consciência da coletividade cultural e em pleno século XXI, a sociedade se encontre tão contaminada por conceitos e pré-conceitos cruéis e nocivos contra a promiscuisa-ção e multiplicidade dos corpos. Tal herança, infelizmente presente e reverberante no contexto escolar, obstrui a constituição e a elaboração da identidade expressiva do jovem, bem como sua criatividade e seu saber-fazer.

METODOLOGIA

Apresentamos fragmentos de estudo realizado com 12 jovens vivendo com HIV, na faixa etária de 15 a 24 anos; com ensino médio concluso ou concluindo; sendo 11 do sexo masculino e 1 do sexo feminino; fonte de renda variável; e todos residentes na cidade de Cuiabá-MT. A pesquisa teve como lócus o Serviço de Atendimento Especializado (SAE) no município de Cuiabá – MT. Seu objetivo geral foi analisar as vivências, em ambiente educacional, de jovens vivendo com HIV, compreender os sentidos estruturados diante do impacto subjetivo do diagnóstico em meio às relações na escola e no processo ensino-aprendizagem, bem como investigar as relações de poder – estigmas e preconceitos – sentidos pelos participantes diante de seus pares e da instituição. Estudo de cunho qualitativo, sendo que coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas. Quanto à abordagem teórica predominante, incluindo a análise dos dados, essa pesquisa se amparou de modo teórico-metodológico na abordagem do Construcionismo Social por meio da análise de repertórios linguísticos (SPINK, 2012; ANJOS, 2015), através da qual foi investigada a produção de sentidos enunciadas por práticas discursivas de jovens diagnosticados e vivendo com HIV, compreendendo a linguagem enquanto principal meio de expressão de leitura e movimento diante do mundo (NOGUEIRA; NEVES & BARBOSA, 2005; MELLO et al, 2007). Pela instrumentalidade das práticas discursivas e do Construcionismo Social como instrumento de observação dos fenômenos sociais, ocorreu uma aproximação e uma interanimação dialógica entre pesquisador e pesquisados; possibilitando a análise dos sentidos produzidos pelos participantes do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa nos coloca de modo geral mais próximos dos discursos dos participantes entrevistados quanto a suas vivências no ambiente escolar e suas produções de sentidos frente aos estigmas e preconceitos relacionados as multiplicidades, modos distintos de corpo e principalmente ao HIV/Aids. Ressaltamos que para expor aqui as vozes transcritas, utilizamos pseudônimos por motivos éticos. Diante dos diálogos sobre as vivências enquanto vítimas de preconceitos na Escola por estarem vivendo com HIV, os participantes apontam para o medo de que se alguém soubesse de sua condição de soropositividade ao HIV, com certeza seriam vítimas de segregação e exclusão. Assim, o diagnóstico é mantido em segredo, principalmente ante os professores e colegas de classe, sendo revelado em raras exceções, geralmente para parentes próximos e/ou amigos íntimos. Afirmações tais como: “seria um desafio”; “me olhariam com outros olhos”; “não sou coitadinho”; “não estou morrendo”, apontam para a reivindicação de respeito e não vitimização frente a uma nova condição de se viver. Como exemplo, vejamos algumas afirmações dos participantes que apontam para os sentidos encontrados:

Ah sim, com certeza, as pessoas me olhariam com outros olhos, sofri preconceito por ser afeminado, acho que se soubessem do HIV seria um desafio, mas acho que enfrentaria; apesar que hoje na faculdade ninguém sabe, acho que não preciso falar, mas se soubessem, me olhariam diferente, sim. [...] você ter uma doença que já matou muita gente é complicado entendeu, faz a pessoa te olhar com olhos de: “mas tão novo”, sabe, não seria legal isso (Nikolay, 24 anos).

[...] tinha um menino que a gente conversava bastante [...] daí, a gente só ficou, só beijou, daí a gente tava indo pra casa que eu contei pra ele, daí no outro dia ele já ficou meio assim comigo; eu perguntei: “o que foi?”; ele disse: “porque você não me contou antes? Eu: “só te beijei, não fui pra cama com você!”; ele disse: “Ah, cara, você tinha que ter contado porque isso pega por saliva”; eu falei: “pera aí, isso não pega por saliva!” ele disse: “pega sim!” [...] não é todo mundo que conhece como se contrai HIV, então já ficam assim com medo; mas essa foi a única vez de questão de preconceito (Joana, 19 anos).

[...] é assim na cabeça de quem não é e não conhece a doença, a pessoa acha que se encostar na pessoa vai tá propicio a receber aquela doença [...] eu só contei para quem eu confio mesmo, para quem eu sou mais apegado e para quem eu confio mesmo, agora para os outros, eu não sei, pode gerar preconceito também, ate porque eles não tem nenhum conhecimento sobre a doença. Tenho medo de sofrer preconceito (Adolfo, 19 anos).

Ainda nesse mesmo contexto, aparecem falas e expressões com sentidos de revolta e protesto frente ao preconceito e a discriminação nos ambientes educacionais:

Com certeza [seria vítima de preconceito], que ninguém escapa disso, né? Gente de cabeça miúda, gente atrasada, me perdoe a expressão: burra, é assim mesmo, né. Tem de tudo em todos os lugares tem todo tipo de gente, a gente tem que ser

inteligente para saber lidar com tudo isso, claro que tem situações que não são legais, são desconfortáveis, são desagradáveis, mas fazer o que né? Tudo é um aprendizado, até passando por essa situação a gente aprende muito (Henri, 22 anos).

Emergem, ainda, falas que apontam para o despreparo de docentes para lidar com o impacto da informação de que algum jovem aluno possa estar vivendo com HIV em sala de aula, demonstrando certos embaraços e inseguranças - situações que os jovens identificaram como traços de estigmas e preconceitos velados -, bem como falta de conhecimento de como articular e se movimentar diante dessas realidades em ambiente educacional.

[...] contei pra um professor meu de estágio, ele deu uma assustada assim e não falo nada, e não sabia reagir né, ele ficou “ah... eita porra o que que eu faço?” [...]é a aquela coisa velada sabe? [...]de: “eita, ele tem HIV”, e fica assim [...]pessoa não sabe lidar (Agenor, 24 anos).

As pessoas não conhecem; acho que as escolas deveriam estar trabalhando muito com isso, é uma questão que tem que ser trabalhada entre os jovens para que eles não tenham dúvida mesmo (Ngongang, 22 anos).

Aparecem ainda sentidos de preconceitos na escola frente a orientação homoafetiva e também os estigmas que distorcidamente fazem relação homossexualidade-hiv:

Você já foi vítima de preconceito no tempo da escola?

Sim, em relação à homofobia mesmo; situações meio complexas e desagradáveis (Beto, 21)

[...] sempre fui uma criança afeminada, né, hoje em dia já não é tão assim, o preconceito é mais velado, mas antigamente não era tão velado assim e não dava tanta cadeia como da hoje em dia. Então eu sempre convivi com preconceito desde que eu era criança, adolescência e agora a vida adulta. (Nikolay, 24 anos)

Você acha que HIV estaria atrelado à homossexualidade?

Não. Quando eu falo isso é em relação ao imaginário popular, se você coloca um casal heterossexual e um casal homossexual lado a lado e pergunta: qual desses dois casais tem HIV, a população vai designar para o casal homossexual, porque antigamente era noticiada como a doença dos gays: “Aids, a doença gay”, então isso também está no imaginário das pessoas, que HIV está ligada a homossexuais. (Nikolay, 24 anos)

As vozes abaixo atribuem sentidos sobre empoderamento e enfrentamento: “a gente tem que ter mente aberta” ou “sempre bati de frente”, demonstrando o senso de expressão de um corpo visando a liberdade e a resistência perante o que está hegemonicamente posto. A fala de Joana atribui sentido do “errado” ao preconceito de todas as formas seja nos critérios e condições físicas, estéticas ou étnicas do corpo e suas misturas promiscuisadas. O jovem

Arsham enfatiza e denuncia os estereótipos contra as formas variadas de corpo, questionando o que realmente é “sujo”? O promiscuisar-se, o misturar-se nas mais variadas formas, condições e/ou expressão do corpo, ou de fato esse “sujo” está nos modos ideológicos de legitimação do preconceito contra as lindas variações de nossos corpos promíscuos e misturados?

Você mencionou a questão do preconceito na escola; Já foi vítima de preconceito na escola?

Sim, várias vezes, mas quando a gente adquire personalidade, a gente tem que ter mente aberta, em relação ao preconceito, a tudo, então eu sempre bati de frente; também sempre fui respeitado, ao mesmo tempo que tinha gente com preconceito, tinha também gente ao meu lado sem preconceito e sem discriminação. (Ngongang, 22 anos)

[...] o preconceito cria um estereótipo [...] cria tipo uma ideia de um corpo, de alguém, de que as pessoas sujas tem isso e o que realmente é ser sujo? (Arsham 21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos respaldos históricos, teóricos e fragmentos de pesquisa apresentados, acreditamos que as multiplicidades dos corpos presentes na escola através das misturas e condições físicas, estéticas e étnicas não deverão mais ser vistas com estranhamentos como se houvesse um modelo único e estático de ser jovem e/ou aluno, mas, ao contrário, frente aos contextos contemporâneos, a promiscuidade no sentido de misturas de corpos diversos, será uma oportunidade social e institucional do ambiente escolar em apreender os múltiplos universos presentes na escola, os saberes e as vivências sociais e comunitárias de seus alunos, enquanto voz simbólica da comunidade e contexto contemporâneo. Sabe-se que os movimentos de inclusão/exclusão, por meio do convívio social na escola, podem gerar várias formas de preconceitos e hostilidades nas relações interpessoais, e promover exclusões e inclusões nesses espaços. Portanto, é de suma importância que a escola e seus agentes estejam atentos para as condições dos jovens e suas relações nessas instituições, pois nesses ambientes tais sujeitos “[...] são reduzidos a estereótipos que são construídos em relação a ele e, que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola, bem como entre os próprios jovens” (SALLES e SILVA 2008, p. 155-156). Parece possível que o professor e os alunos possam construir juntos os saberes a partir das mais variadas condições e vivências expressadas e marcadas no corpo, trazidas por esses jovens de seu contexto; vivências essas, não mais enquanto uma ameaça aos planos

institucionais, mas – baseadas na tolerância e no respeito – uma oportunidade de construção, problematização, dialética e ressignificação frente às possibilidades múltiplas de ser sujeito e de se construir uma sociedade pluralizada, desmistificadamente “promiscua” em modos mistos de existir e de ser “gente”, sem sofrer os abusos perversos da intolerância, dos estigmas e do preconceito.

REFERÊNCIAS

ANJOS, D. F. **Quando três tempos se encontram**: sentidos e ressignificações de jovens vivendo com HIV/Aids. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015. 230p.

AVILA, Mayna Yaçanã Borges de; FERLA, Alcindo Antônio. O que pode o corpo? Corpografias de resistência. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 731-748, Sept. 2017. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832017000300731&lng=en&nrm=iso. access on 14 July 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0898>.

BUTLER, Judith. (1990). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DICIONÁRIO AURÉLIO: Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/promiscuidade>. Acesso em: 18 Apr. 2017

FONSECA, José Henrique Monteiro da. **Jovens Vivendo com HIV/AIDS**: sentidos a partir de suas vivências no ambiente escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade de Cuiabá (UNIC). Cuiabá, Jun/2018. <http://repositorio.pgsskroton.com.br/handle/123456789/22803>.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOODMAN, Paul in Bagoas: revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. - V. 1, n. 1jul./dez. 2007)- . - Natal: EDUFRN, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

JODELET, D. (2001). **Representações sociais**: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp. 187-203). Rio de Janeiro: Eduerj.

LABRA, O. (2013). **Social representations of HIV/Aids in mass media**: some important lessons for caregivers. *International Social Work*, 0(0), 1-11. DOI: 10.1177/0020872813497380.

LE BRETON, David. (2011). **Antropologia do Corpo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 318.

LOURO, Guacira Lopes. (2004). **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MELLO, Ricardo Pimentel et al . Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 19, n. 3, p. 26-32, Dec. 2007 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300005&lng=en&nrm=iso. access on 23 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>.

MIGNOLO, Walter D.. **COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE**. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 32, n. 94, e329402, 2017 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso. access on 01 June 2019. Epub June 22, 2017. <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>.

NOGUEIRA, C., NEVES, S. & BARBOSA, C. (2005). **Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o Estudo do Gênero**. *Psicologia. Teoria Investigação e prática*, 2, 195-209. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/3954>. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

SALLES, L. M. F., & SILVA, J. M. A. P. E. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação**, 1(30), 149-166.

SILVA, Antonio de Moraes, Dicionário da língua portuguesa. Sexta edição. Typographia de Antonio José da Rocha, Lisboa, 1858.

SOLIVA, Thiago Barcelos in Bagoas: revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. - V. 1, n. 1jul./dez. 2007) - . - Natal : EDUFRN, 2007.

SONTAG, S. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SPINK, M, J. (org). **Práticas Discursivas e Produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Edição Virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2012.